

Piterson Hageland atualizou o status dele.

DO PORQUE TAMBÉM NÃO SOU CIRO

O número de pessoas que pensam em apoiar Ciro Gomes para a Presidência da República em 2018 cresce de um modo realmente considerável, sobretudo entre os estudantes. Alguns setores de esquerda — mais precisamente o PT — sonham com ele sendo candidato a vice numa eventual chapa com Lula. Já outros tantos mais sensíveis com as denúncias de corrupção rondando Lula e o PT, ou mesmo desiludidos com eles no governo, apostam em Ciro como o melhor candidato para enfrentar Doria/Alckmin (PSDB) e principalmente Bolsonaro (PEN).

Ciro Gomes é o atual vice-presidente nacional do PDT. Sendo membro da direção central, fala e responde pelo partido. E como todo partido político que aí está, o PDT não é flor que se cheire, pois quanto mais conhecido no ramo, mais pútrido se é.

Antes de continuar, pontuo aqui que não fiz tal texto querendo causar cizânias e muito menos me interessa remover a crença das pessoas sobre a figura de Ciro, mas sim para protestar minhas conclusões acerca da questão eleitoral e, principalmente, esclarecer minhas reflexões aos amigos e movimentos ambientados nas questões relacionadas que costumam debater comigo e ainda não entendem o fato de "um nacionalista não apoiar Ciro Gomes".

● NACIONALISMO SEM EIXO

Ciro Gomes e algumas alas do PDT possuem um discurso sobre a defesa da soberania nacional, incluindo a proteção das riquezas naturais por estrangeiros, porém sem projeto fixo definindo essas diretrizes. A humanidade atravessa um momento histórico com o capitalismo em crise por quase todo o globo e a economia ocidental ainda não se recuperou do estouro da bolha de especulação imobiliária nos EUA entre 2007 e 2008. Os imperialistas anglo-americanos desejam impor uma nova onda de colonização na América Latina. Querem abocanhar fatias cada vez maiores do petróleo e de outras riquezas naturais, como as mineradoras canadenses que miram uma reserva mineral na Amazônia e que Michel Temer ainda está disposto a entregar. Também pretendem impor um novo patamar de exploração sobre a classe trabalhadora brasileira através de reformas cretinas (trabalhista, previdenciária, terceirização) e com a PEC 55 (do teto dos gastos) no objetivo de cobrir os juros da dívida pública. Para piorar, os chineses também possuem interesses imensos no Brasil e andam cada vez mais competitivos, sendo presenças fixas em leilões estratégicos no desmonte nacional.

Os imperialistas agem associadamente com a esmagadora maioria da classe dominante brasileira, que nada mais são que seus capachos. As elites brasileiras, covardes e submissas, querem entregar tudo para os estrangeiros e não se importam com a desgraça que isso irá causar ao Brasil. Ciro Gomes e o PDT ensaiam representar uma ínfima parcela da elite nacional que sonha em resistir. Pretendem salvar o capitalismo brasileiro se livrando um pouco das coleiras que os imperialistas estão usando com certa frequência para sufocar as elites locais, mas sem se livrar das botas que todos eles usam para pisar no nosso povo.

Planos como esse não é nenhuma novidade em nossa história. Ciro Gomes e o PDT sonham em reeditar projetos como os de João Goulart e Leonel Brizola, Juan Domingo Perón na Argentina e até de Gamal Abdel Nasser no Egito. Mas como é algo completamente fora de época e da realidade, este sonho é apenas uma sombra do nacionalismo genérico que também fazia parte do discurso dos líderes já citados e de tantos outros por uma autêntica libertação nacional. Hoje, há muito menos gente da elite querendo correr esse risco do que naquela época, que já não tinha tanta gente assim, aliás. Os que perduram são ultra marginais na classe dominante e não costumam ser respeitados nem por políticos e nem por eleitores.

Algumas das críticas levantadas por Ciro Gomes e o PDT também são levantadas por mim: ele critica o sistema tributário porque além de complexo, o rico paga pouco e o pobre paga muito. Faz críticas às enormes somas de remessas de lucros ao exterior e o sistema da dívida pública. A privatização de empresas estatais para a especulação internacional e a entrega das riquezas nacionais aos empresários estrangeiros, entre outras reclamações. Ele defende, ao menos em palavras, propostas que qualquer país decente deve defender para que haja soberania e desenvolvimento em seu território. Mas sobre essas mesmas tarefas, nós temos uma diferença latente: quem está apto a cumprir essas tarefas? Nossas classes sociais mal instruídas? Até agora o espero ansiosamente tratar do tema da educação brasileira e seu método falido e despedaçado.

Como classe, as elites dominantes do Brasil poderiam ter o interesse de se libertar do esmagamento imperialista de algum dos lados para fazer com que os negócios decolem. Mas a fração submissa da elite venceu a parte que quer resistir e decide os rumos do Brasil desde o governo Café Filho. As diferentes alas da elite estão completamente comprometidas com a sociedade submissa aos imperialistas da atualidade. Alguns pequenos setores são prejudicados com a atual tentativa dessa nova colonização, mas não se arriscam pois essa briga pode abrir espaço para que os de baixo ataquem os estrangeiros, fazendo com que a elite inteira sofra um ataque como consequência. Só a classe trabalhadora que não tem mais o que perder nesse cenário, mas também não possui interesse de conduzir uma verdadeira luta para se libertar desse cativeiro. Daí surge Ciro, o Messias.

● O DISCURSO DO PDT

O PDT discursa contra o entreguismo, mas no parlamento votou e ainda vota a favor dos projetos que beneficiam os banqueiros e a todo o sistema internacional. Fora isso, a maioria dos seus partidários votaram pela aprovação dos pacotes de maldades contra o povo brasileiro e ainda escolheram fazer parte do circo dicotômico do impeachment de Dilma Rousseff (inclusive os líderes do partido nas Câmaras Alta e Baixa), favorecendo ainda mais a depredação nacional em todos os âmbitos possíveis. Inclusive o senador Acir Gurgacz (PDT-RO) — acusado de estelionato e de dar calote na Receita Federal com uma de suas empresas — ainda votou para preservar o mandato de Aécio Neves no Conselho de Ética do Senado. Todas essas informações podem ser consultadas nas páginas da Câmara Federal e do Senado.

Alguns adeptos do PDT e do PT argumentam que o partido de Ciro Gomes expulsou os parlamentares que foram favoráveis ao tal do "golpe" e aos ataques trabalhistas. Mas sejamos razoáveis: qualquer ativista ou pessoa minimamente interessada em política sabia que Lasier Martins (PDT-RS) é inimigo do

povo, por exemplo. Passou décadas falando besteiras sobre os direitos sociais adquiridos e defendendo as elites gaúchas como comentarista da RBS – afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul. Foi, aliás, símbolo da luta em defesa das inúmeras isenções à Ford quando ela especulava vir para o Rio Grande do Sul ou para a Bahia. E depois, justiça seja feita, parlamentares como os senadores Acir Gurgacz e Carlos Eduardo Cadoca (PDT-PE) seguem agindo contra os trabalhadores no Congresso, sob o silêncio total da direção do PDT e de Ciro Gomes. Aliás, bronca é uma coisa que Ciro só sabe proferir quando é descartado.

Além desse show de horrores no Parlamento, as relações internacionais também dizem muito de um partido político. E aqui, mais uma vez, o PDT faz um discurso contrário a soberania nacional que diz defender através de vídeos editados e até mesmo contrário às suas ações de cartilha. O partido é vinculado à II Internacional Socialista, um fórum internacional de partidos. O atual presidente desse fórum é George Papandreou, ex-primeiro-ministro da Grécia. Poucos líderes políticos são tão comprometidos com os planos de austeridade e ataques aos trabalhadores pós-crise econômica de 2007/2008 como ele: após ser eleito como premier em 2009, descarregou um gigantesco "ajuste fiscal" – nome inventado para expropriar o que sobrou do país balcânico à União Europeia – contra o povo. E mesmo assim, Ciro e o PDT não se importam de seguir nesse grupo internacional liderado por um autêntico mordomo de banqueiro. Ou sequer o criticam publicamente mesmo após esse vexame pra quem se diz "social-democrata". Tivemos FHC há menos de 20 anos por aqui com as mesmas atitudes.

● OS GOVERNOS DO PDT

O partido elegeu mais de 330 prefeitos nas eleições de 2016, inclusive em duas capitais – Edivaldo Holanda Jr. em São Luís e Roberto Cláudio em Fortaleza. Como governo estadual, o partido administra o Amapá com Waldez Góes. Governava também o Mato Grosso, mas Pedro Taques saiu do PDT para ingressar no PSDB.

Waldez Góes também adotou uma prática comum dos atuais governadores: o parcelamento dos salários dos servidores públicos, exatamente como fazem todos os partidos da ordem. Assim como em muitas outras unidades federativas, o povo reclama do caos na rede pública de saúde e segurança, mas os grandes salários e benefícios aos políticos e juizes, e o pagamento dos juros aos agiotas e as regalias às grandes empresas seguem mais do que em dia. Antônio Teles Jr., secretário de planejamento amapaense, inclusive comemorou a vitória do não-afastamento de Michel Temer no Congresso, pois isso ajudaria a implementar as reformas, em especial a da previdência. O estado possui Papaléo Paes do PP como vice-Governador, grande aliado da família Sarney e bastante amigo da cúpula do PSDB, partido cujo já fez parte. Bela situação atual para quem começou a carreira no PRONA de Enéas Carneiro, isso para não dizer outra coisa.

Roberto Cláudio, prefeito de Fortaleza com Moroni Torgan (DEM) como vice, por sua vez, promoveu o maior aumento nas passagens de ônibus em cerca de 15 anos, além de privatizar os terminais de integração.

A pesquisa sobre os atuais governos do PDT nos levaria a um número sem fim de críticas e denúncias. Está bom por aqui, ou então eu devesse fazer não um artigo, mas uma tese sobre privatização, ajuste

fiscal, favorecimento aos empresários e ataque aos trabalhadores. O que tudo isso tem a ver? Simples: são posturas incompatíveis com o discurso de Ciro Gomes e da direção nacional do PDT! Sem contar que, ao mesmo tempo, não vemos uma crítica sequer de Ciro Gomes a esses indefensáveis governos. Ciro vem falando da fanfarronice cometida por Jair Bolsonaro, mas não está sendo nada diferente: pinta de valente para criticar os adversários, mas está sendo bem manso com os aliados.

● MÃO DE FERRO CONTRA OS TRABALHADORES EM GREVE

Ciro Gomes possui um discurso pela defesa da democracia e do Estado de Direito. Mas quando foi governador do Ceará, enfrentou uma poderosa greve dos trabalhadores do SEPROCE em 1993. Em entrevista ao Programa Roda Viva em 1994, disse que era necessário "agir com mão de ferro" contra os trabalhadores: "Liguei para o presidente do SEPROCE, que é um técnico conhecido no meio, perguntei a ele o que estava acontecendo e ele me disse que estava tudo sob controle, que estava agindo de maneira a garantir. E eu disse a ele que agisse com mão de ferro – isso é o que eu penso que deve ser feito. Eu não aceito... eu não disse que era anarquista, até porque não vi nada demais; o que eu acho é que instalar anarquia no Ceará ninguém vai fazer. Isso é o que eu estou dizendo. O que eu considero anarquia? É quebrar a possibilidade, por uma razão corporativa... Podem lá desejar melhores salários, isso é justo, é honesto, é procedente, mas usar para essa razão um poder que não é deles, de paralisar o estado inteiro porque controlam as máquinas de informática e impedir que todos os seus colegas recebam seus salários, isso não vou admitir absolutamente nunca".

Se como governador Ciro Gomes teve essa postura de repressão aos movimentos de reivindicações para com a dignidade e descumprimento do direito constitucional de greve, o que nos autoriza pensar que como presidente ele faria diferente?

O PDT é o sétimo partido político de Ciro Gomes. Começou no ARENA que se tornou PDS, herdando assim o legado e as dívidas do regime militar. Foi do PMDB quando Sarney era Presidente da República. Foi do PSDB no auge do neoliberalismo da era FHC, sendo também muito amigo de Tasso Jereissati. Estava no PPS quando este criticava o "Fora FHC" levantado por movimentos sociais e intelectuais. E foi do PSB quando este chegou a governar seis estados brasileiros, reprimindo os protestos de junho de 2013, preservando o ritmo de privatizações, benefícios fiscais às multinacionais e início de ajuste fiscal aos trabalhadores pós-crise de 2007/2008.

Ciro Gomes esteve em partidos que nos momentos decisivos se colocaram contra os trabalhadores e o povo, tal como nessas históricas votações antipopulares do PDT ainda nestes dois últimos anos. Ele esteve, aliás, na maioria das vezes cumprindo um papel de porta voz dessas organizações políticas. Falando e respondendo por elas. É ingênuo pensar que, em quase quatro décadas de atividade política, Ciro Gomes não sabe escolher seus aliados e que é um imaculado no meio de um mar de canalhas.

Que o povo precisa tomar lado, não é algo exatamente necessário. Não por alguém, pois o correto é que o povo esteja sempre ao lado do povo. A esmagadora maioria odeia Temer e a quadrilha do PMDB, e eu não sou exceção. Esses quadrilheiros estão integralmente a favor das reformas lesivas ao povo pobre e trabalhador que sustenta o teto desse país — e não há o mínimo de instrução e educação acima desse teto para proteger esse povo. Ninguém está preocupado com isso, nem mesmo o PDT e Ciro Gomes. Seu



discurso possui minha concordância, mas sua pessoa não me inspira confiança. Não vejo nacionalismo algum em Ciro Gomes, mas sim uma pessoa maleável, que entende muito bem como funciona a engrenagem da politicagem brasileira, e usa o legado do nacional-desenvolvimentismo para vencer a eleição presidencial de 2018.

Talvez tenha sido o maior texto que escrevo, mas poderia continuar, pois é por essas e outras que não votarei em Ciro Gomes.

26 de setembro de 2017 às 13:43